

# VERDES MARES BRAVIOS

C R U Z F I L H O

“Verdes mares bravios de minha terra natal,  
onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba.”  
(J. de Alencar, *Tracema*.)

*Ó mar do Norte, que soluças,  
No teu perpétuo e grande anseio,  
E sôbre as praias te debruças,  
Dilacerando o equóreo seio!*

*O teu mugido cavo e enorme  
Rola nas noites seu fragor:  
Vem de Netuno, que não dorme,  
A uivar de insônia, a uivar de dor!*

*Que convulsões negras, atrozes,  
Na massa ingente dessas águas,  
— Côro infernal de cem mil vozes,  
Que eleva aos céus soturnas mágoas!*

*Gritos mortais, ânsias tremendas  
Rugem na gama dos teus ais  
Ó velho mar, cheio de lendas,  
Que te arremessas sôbre os cais!*

*Vozes dos monstros dos abismos,  
Que, em tua vasta profundez,  
Semelham tetos paroxismos  
Da primitiva Natureza.*

*Na espumarada dessas ondas,  
Com que branqueias tuas fraldas,  
Quando sôbre elas te esbarrondas,  
Há um choro verde de esmeraldas.*

*Amaina a cólera espumante  
Ante o astro ideal, que além flutua!  
E escuta a história lancinante  
Que às tuas praias conta a lua:*

*Sôbre o teu dorso, em leve esquiço,  
Soares Moreno, um dia, ah!,  
Sem medo à insidia do arrecife,  
Partiu, com o filho, do Ceará...*

*Que narre o fim do amargo poema  
A voz aflita da jandaia,  
Dizendo o nome de Iracema  
A solidão da triste praia...*

*Ó mar do Norte, todo lendas,  
Que te arremessas sôbre os cais,  
Há nos teus punhos de alvas rendas  
Garras aduncas de chacais...*